

RB
I F I

RB ASSET



RELATÓRIO AO INVESTIDOR
RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FII
RFOF11 – JULHO/25

Cota Patrimonial

R\$ 69,02

Cota a Mercado

R\$ 63,50

Valor Patrimonial
(Milhões)

R\$ 74,4

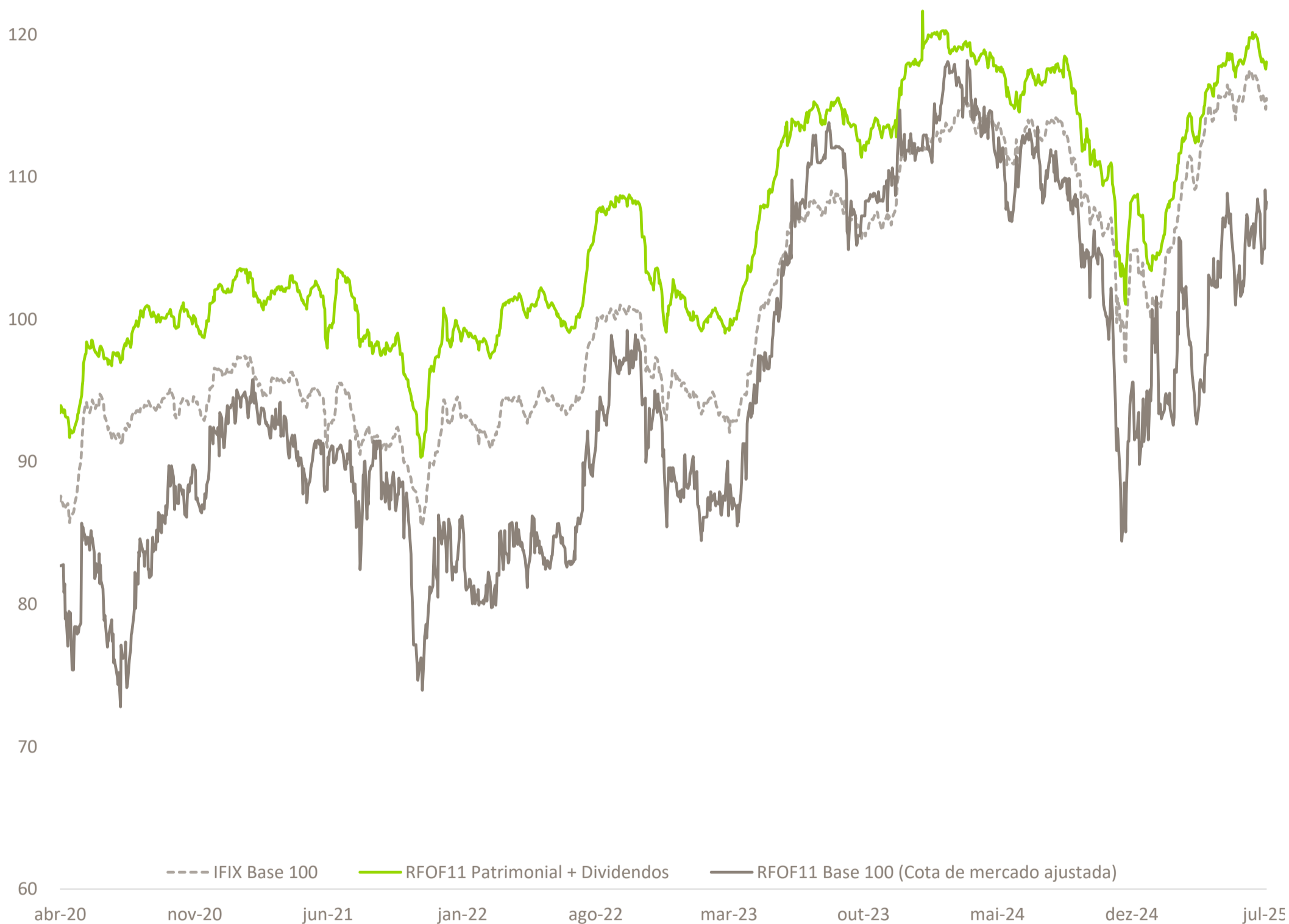
Rendimentos
de Jul/25

R\$ 0,65/cota

D.Y. Anualizada
a preço de mercado

12,28%

Retorno Acumulado



FONTE: RB ASSET

* Não considera custo de emissão

COMENTÁRIOS DO GESTOR

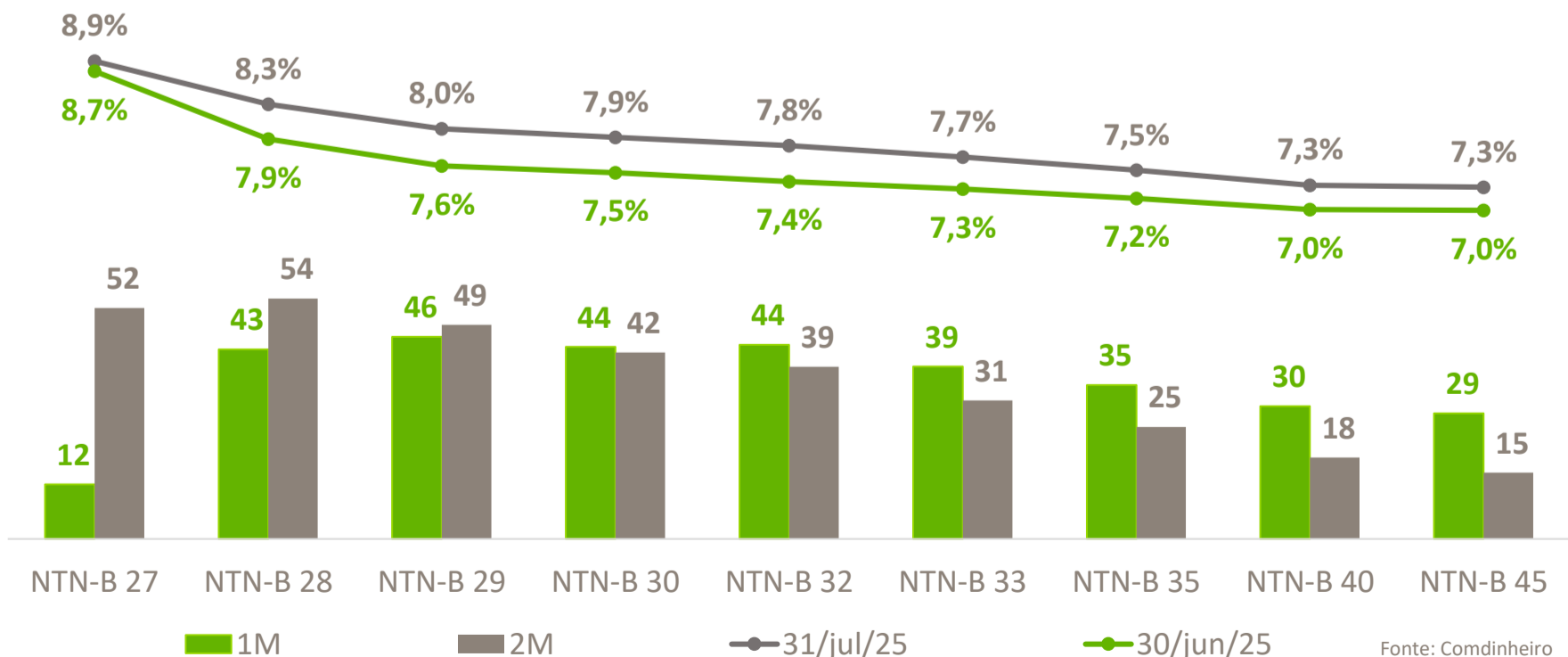
Breve Panorama Macroeconômico

O mês de julho foi marcado por renovação da retórica tarifária por Trump, em especial para o tarifaço sobre o Brasil e poucos acordos comerciais assinados. A preocupação reside na atual conjuntura para os potenciais impactos inflacionários, reverberando na condução da política monetária pelo Fed. Tivemos uma nova super quarta, com a manutenção da taxa de juros pelo Fomc (pela quinta reunião consecutiva) e pelo Copom, decisões amplamente esperadas pelo mercado. Em relação à indicadores econômicos, a surpresa positiva foi a divulgação do PIB do 2º trimestre dos EUA, evidenciando a força da economia, mesmo diante de taxas de juros elevadas. Ainda, vale destacar a divulgação de resultados corporativos que tem corroborado para fortes altas das *Magnificent 7* e do apetite ao risco nos mercados globais. Diante disso, os três principais índices do mercado acionário americano foram marcados por novos ganhos e renovação de recordes históricos para o S&P 500 (+2,17% e +7,78% em 2025) e Nasdaq (+3,70% e +9,38%), com o Dow Jones (+0,83% e +4,51%) se recuperando das perdas do ano.

No cenário doméstico, o mês de julho foi marcado por forte reversão do fluxo de capital, diferentemente do que foi observado ao longo do primeiro semestre, resultando em robusta saída de capital, com saldo negativo de R\$ 6,3 bilhões na bolsa brasileira (maior saída mensal desde abril de 2024), porém ainda acumulando um saldo líquido positivo de R\$ 20,0 bilhões no ano. O grande destaque do mês fica para anúncio do tarifaço (alíquota de 50%), ainda que no final do mês houve uma reversão em torno da lista de quase 700 itens a serem isentos aos produtos importados do Brasil. Em paralelo, o aumento da tensão político-institucional resultou na imposição de sanções previstas na Lei Magnitsky ao ministro do STF, Alexandre de Moraes, além da prisão domiciliar do ex-presidente Bolsonaro decretada pelo próprio ministro. Com isso, tivemos novamente uma alta volatilidade na curva de juros doméstica, que registrou abertura em especial nos vértices intermediários e longos. Em relação ao Copom, sem surpresa quanto à manutenção no atual patamar, reforçando que exige-se uma política monetária em patamar significativamente contracionista por período bastante prolongado. No cenário macroeconômico, tivemos destaque negativo para os dados de produção industrial, vendas no varejo, IBC-Br de maio, e déficit público primário (reforçando o temor fiscal). Já do lado positivo, tivemos dados positivos advindos do volume do setor de serviços, confiança do consumidor e taxa de desemprego.

O IPCA de junho apresentou alta de 0,24% e de 5,35% no acumulado de 12 meses, acima do esperado e em patamar superior ao teto da meta de inflação do BC (4,5%), resultando em descumprimento da nova regra da meta contínua (em vigor desde janeiro), quando a inflação permanece fora do intervalo de tolerância por seis meses consecutivos. Desta forma, houve necessidade de envio de carta pública de Galípolo para Haddad, em que menciona uma combinação de fatores para a inflação acima da meta e que espera que o IPCA volte a ficar dentro da faixa de tolerância apenas no final do 1º trimestre de 2026. Já o IPCA-15 apresentou alta de 0,33% em julho, acumulando alta de 5,30% em 12 meses, também acima das expectativas do mercado. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central, em linha com a melhora observada nas últimas semanas, tem passado por novas revisões para as projeções do IPCA, em especial para curto prazo, com ajuste de 5,18% há 4 semanas para 5,07% para este ano e para 2026 (redução de 4,50% para 4,43%), já para prazos maiores houve manutenção para 2027 (4,00%) e para 2028 (de 3,85% para 3,83%). Após sucessivas revisões, observa-se manutenção no patamar para a taxa Selic: para final de 2025 em 15,00%, para 2026 em 12,50%, 2027 em 10,50% e 2028 em 10,00%. Desta forma, há expectativa de manutenção ao menos até o 1º trimestre de 2026 para início da flexibilização monetária pelo Copom.

Curva de Juros Real



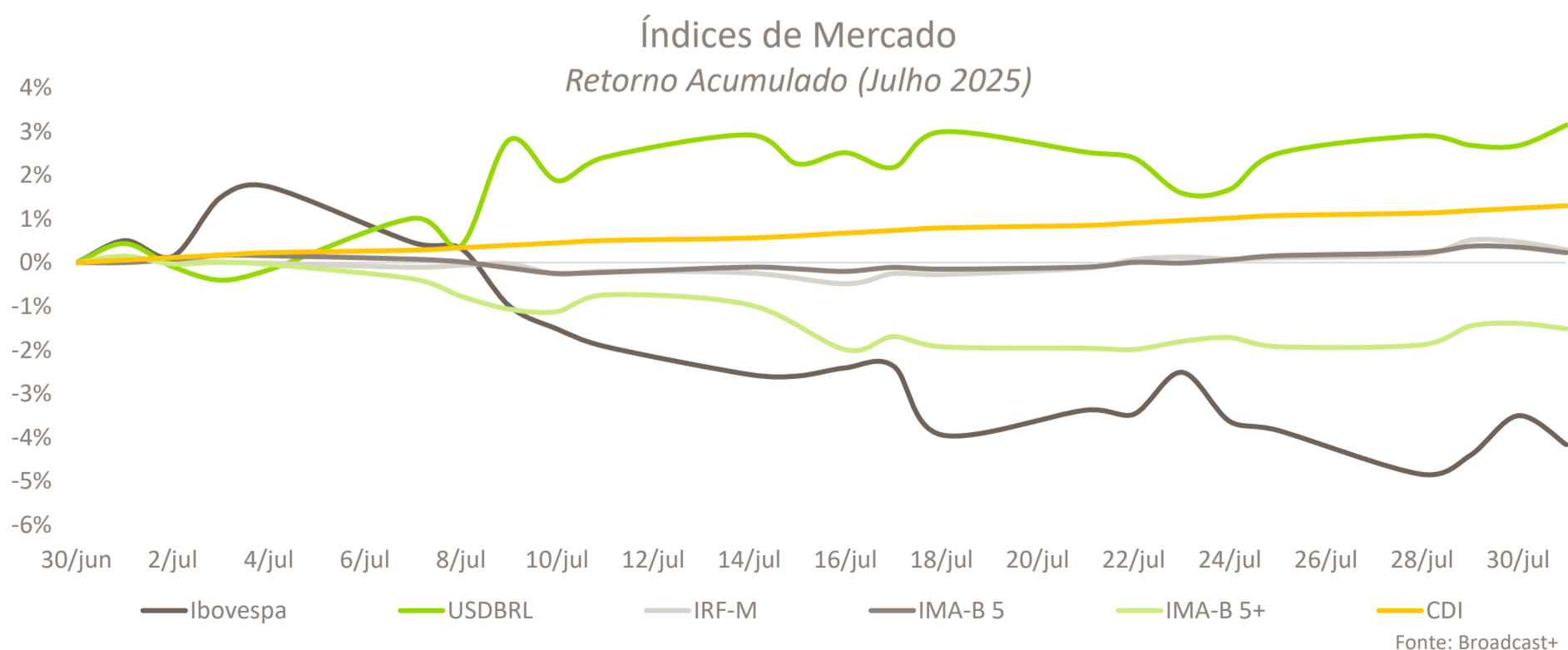
Ao longo do mês, a curva de juros real registrou abertura em todos os seus vértices. Dessa forma, os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam 0,29% e -0,79%, respectivamente.

No cenário internacional, tivemos renovações de recordes históricos nas bolsas em NY, apesar do novo anúncio tarifário por Trump ao longo do mês, resultando em maiores incertezas em relação à potencial escalada inflacionária. A divulgação do PCE teve nova alta, porém ficou em segundo plano diante de outros indicadores econômicos, em especial o PIB do 2º trimestre e *Payroll* abaixo do esperado (com fortes revisões dos meses anteriores para baixo). O contexto atual reforça expectativas por parte de agentes do mercado quanto a uma perspectiva de início do relaxamento monetário ainda este ano, a depender da temática de política comercial suscitando dúvidas a respeito da trajetória inflacionária. Na Europa, conforme amplamente esperado, tivemos manutenção da taxa de juros, em compasso de espera por maior clareza em relação às questões comerciais com EUA. Ademais, tivemos divulgação de produção industrial, vendas no varejo, PMIs e PIB do 2º trimestre melhores do que as estimativas.

Na China, houve a divulgação de dados de PMI novamente reforçando tendência de enfraquecimento da economia, assim como dados de inflação abaixo do esperado e vendas no varejo. Em relação à balança comercial, tivemos alta acima do esperado nas exportações, já o nível de importação veio pouco abaixo das expectativas, porém em leve alta. Ainda nos destaques positivos, a produção industrial crescendo e o PIB do 2º trimestre apresentando alta superior a 5%, mesmo diante da política tarifária de Trump.

Em relação às *commodities*, o petróleo teve nova alta em julho, encerrando aos US\$ 71,70/barril o Brent (+6,83%), diante das reiteradas ameaças de Trump de sanções severas à Rússia para encerramento da guerra com a Ucrânia, resultando em potencial redução da oferta global, em meio ao quadro de declínios mais rápidos do que esperado na capacidade ociosa dos membros da OPEP. Já para o minério de ferro, houve uma recuperação nas cotações internacionais após cinco meses de perdas (+5,8% no mês, aos US\$ 99,85/ton), com movimento volátil ao longo do mês e marcado pela queda nas duas últimas semanas, especialmente após divulgação da atividade industrial chinesa, encolhendo pelo quarto mês consecutivo, resultado da fraca demanda doméstica, somado à crise imobiliária persistente e reiteradas preocupações com a guerra comercial com EUA.

O Ibovespa encerrou em queda de 4,17% em julho (primeiro recuo desde fevereiro), aos 133.071 pontos, ainda acumulando alta no ano de 10,63%. Por sua vez, o dólar fechou o mês em alta de 3,08%, negociado a R\$ 5,60 (reduzindo a desvalorização para 9,37% no ano), marcado pela questão tarifária contra o Brasil, assim como reprecificações nos EUA. O mercado tem acompanhado boas divulgações de dados econômicos (conforme ressaltado acima), traduzindo-se em menor expectativa de desaceleração econômica como era esperado ao longo do primeiro semestre. Ainda, começa-se a vislumbrar cenário de corte de juros pelo Fed, em condições mais favoráveis de trajetória da inflação. Já por aqui, temos um BC com viés fortemente *hawkish*, mantendo a previsão de juros no atual patamar por um horizonte relevante. A própria sinalização da carta pública indicando IPCA fora do intervalo até pelo menos o 1T26 corrobora essa visão do mercado. Soma-se a estes fatores, como a questão fiscal ainda muito incerta e preocupante pela trajetória ascendente e o risco institucional, após imposição de sanções via Lei Magnitsky.



Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

Após cinco meses consecutivos de ganhos no IFIX, tivemos o primeiro mês de realização de lucros para o índice de fundos imobiliários, em linha com deterioração dos ativos de risco domésticos, resultado também da forte saída de capital estrangeiro, registrando uma desvalorização de 1,36% em julho (aos 3.436,38 pontos, porém ainda acumulando ganhos de 10,27% no ano). Conforme supracitado, a maior influência para os fundamentos do mercado de fundos imobiliários ficou para a forte abertura na curva de juros, em especial os vértices mais longos, diante da alta na tarifária anunciados pelos EUA. Por outro lado, no mercado real, temos visto noticiário e acompanhamento dos fundamentos do setor imobiliário, com divulgação de dados de vacância em queda e aumentos de preços seja para galpões logísticos, como para lajes corporativas.

Em julho, não tivemos ganhos para os setores, sendo que varejo, híbridos, ativos financeiros, Fundos de Fundos (FoFs) e logísticos tiveram desempenho melhor do que IFIX, já escritórios, *Hedge Funds* (multiestratégia) e shoppings tiveram desempenho abaixo do *benchmark*. Já no acumulado do ano, os setores de multiestratégia, ativos financeiros, escritórios e shoppings são os destaques de alta (nesta ordem), com um desempenho superando o benchmark, já logísticos, híbrido, varejo e Fundos de Fundos (FoFs) ainda tem performance abaixo do IFIX, apesar de ainda apresentarem um desempenho positivo. Apesar das incertezas de curto prazo, fruto de um cenário doméstico marcado por incertezas, no tocante à condução da política fiscal e monetária doméstica, além de potenciais choques externos, mantemos uma visão otimista no médio prazo, visto os sólidos fundamentos dos ativos reais, os quais tendem a convergir para seus valores intrínsecos, resultando em redução do desconto em relação ao valor negociado no mercado secundário, principalmente diante um possível alívio na taxa de juros para o final do ano e 2026.

Nos últimos meses, observamos um movimento consistente de reestruturação no mercado de fundos imobiliários, impulsionado, principalmente, pela ascensão dos fundos multiestratégia, os chamados *hedge funds* imobiliários. Embora o processo de consolidação entre FII's já fosse discutido nos anos anteriores, é agora, com o amadurecimento desses veículos mais flexíveis e com mandato mais amplo, que essa transformação começa a ganhar escala e profundidade. A busca por maiores oportunidades de investimento tem motivado fusões, incorporações, afetando diretamente o posicionamento dos fundos tradicionais, sobretudo os FoFs.

Nesse contexto, ganham destaque recentes movimentos como a proposta de fusão entre BCFF11 e BTHF11, e a união entre RBRF11 e RBRX11, exemplos que reforçam o avanço das estruturas multiestratégia e a reorganização dos veículos listados. Esses casos se somam a outras movimentações observadas desde o segundo semestre de 2024, consolidando uma tendência clara de consolidação e reestruturação na indústria de Fundos Imobiliários.

Outro ponto relevante é a mudança no perfil dos fundos multiestratégias nesse novo cenário. Fundos com maior capacidade de movimentação e mandato flexível têm se mostrado mais preparados para capturar oportunidades nos diferentes momentos do ciclo imobiliário, ampliando a atratividade para investidores. Diferente dos FoFs tradicionais que usualmente tem em seus regulamentos estruturas mais “engessadas” e forte predominância de alocação em cotas de outros fundos, os veículos multiestratégia conseguem atuar de forma mais dinâmica, ajustando rapidamente a exposição entre crédito, tijolo, renda e até ativos fora do universo tradicional dos FII's. Essa abordagem mais ativa tem se mostrado particularmente eficiente em ambientes econômicos de maior volatilidade, assim como de diferentes ciclos do mercado imobiliário.

Apesar do avanço desse movimento, é fundamental que o investidor esteja atento aos impactos das fusões e incorporações sobre os fundos. Entre os benefícios mais visíveis estão o aumento da liquidez, essencial para quem busca flexibilidade de saída ou compra no secundário, a ampliação da diversificação setorial e estratégica dentro de um único veículo, e a diluição dos custos operacionais. Além disso, fundos com maior PL costumam ter mais facilidade para captar recursos em novas emissões, o que tende a representar uma melhora na capacidade de reinvestimento da carteira através de novo capital. Vale ressaltar que esse movimento também exige atenção, pois a maior complexidade dessas estruturas pode dificultar o acompanhamento detalhado da alocação e da performance dos ativos, exigindo um olhar mais analítico sobre a atuação da gestão.

Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

No cenário atual, ainda marcado por juros elevados e seletividade por parte dos investidores, acreditamos que o movimento de criação dos veículos multiestatégia deve continuar. Os fundos de fundos, provavelmente buscarão alternativas estratégicas para manter relevância, enquanto os veículos multiestatégia devem seguir ampliando sua participação. Esse ambiente de evolução pode gerar oportunidades interessantes de investimento além de criação de novas estratégias de investimento visando melhorar o mercado de FIs, se consolidando como um instrumento de investimento imobiliário mais maduro no mercado.

Análise Patrimonial

Demonstrativo de Receitas, Despesas, Rendimentos e Rentabilidade.

O Fundo distribuiu R\$ 0,65/cota como rendimento referente ao mês de julho de 2025, aos titulares detentores de cotas ao final do dia 31 de julho.

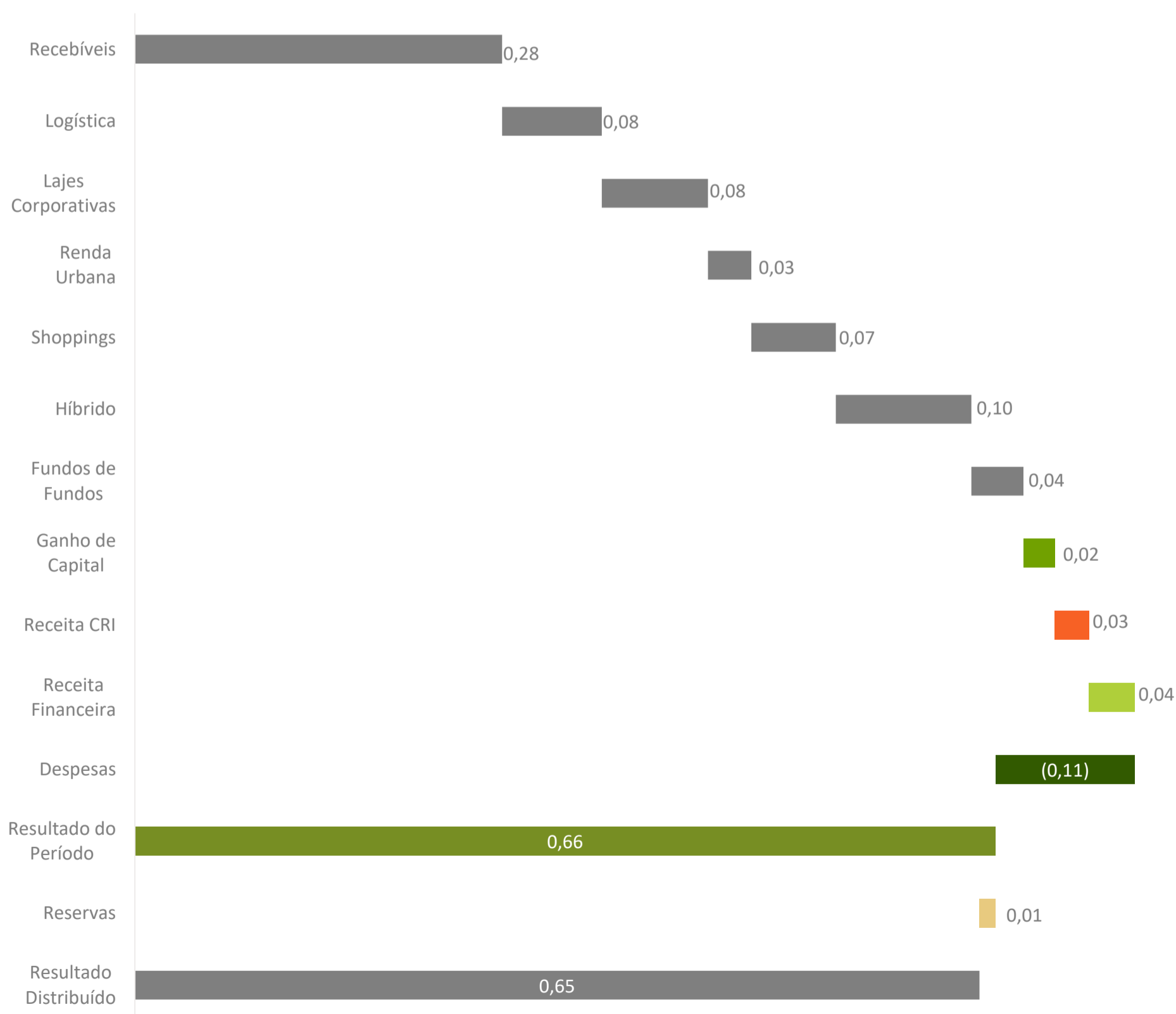
A distribuição de rendimentos aos cotistas é calculada de acordo com o resultado apurado sob regime de caixa do FII em cada mês. Abaixo segue tabela contendo as receitas e despesas do FII.

O gráfico abaixo decompõe a distribuição dos R\$ 0,65 por segmento alocado.

O resultado gerado pelo fundo no período foi de R\$ 0,66/cota.

Haverá isenção do Imposto de Renda Retido na Fonte e na Declaração de Ajuste Anual das Pessoas Físicas com relação aos rendimentos distribuídos pelo Fundo ao Cotista pessoa física, desde que observados, cumulativamente, os seguintes requisitos: (i) o Cotista pessoa física não seja titular de montante igual ou superior a 10% (dez por cento) das Cotas do Fundo; (ii) as respectivas Cotas não atribuírem direitos a rendimentos superiores a 10% do total de rendimentos auferidos pelo Fundo; (iii) o Fundo receba investimento de, no mínimo, 50 (cinquenta) Cotistas; e (iv) as Cotas, quando admitidas a negociação no mercado secundário, sejam negociadas exclusivamente em bolsas de valores ou mercado de balcão organizado.

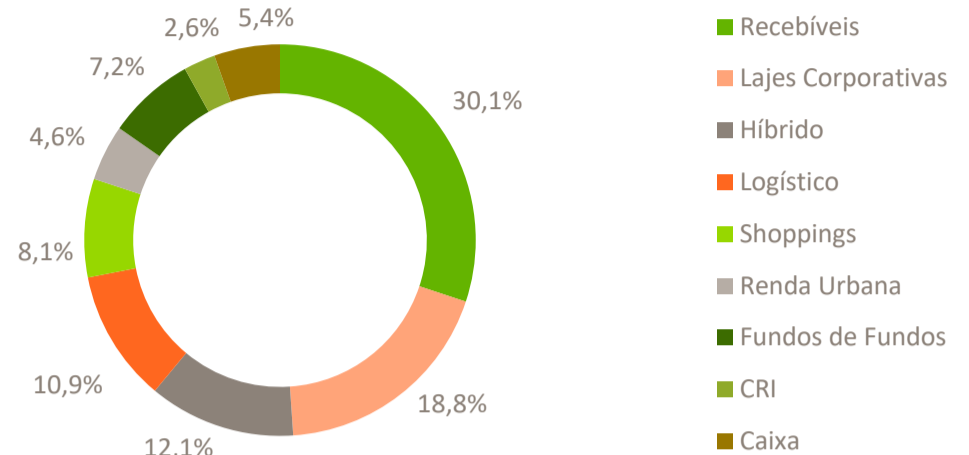
Composição dos Dividendos de Julho/25



Portfólio Gerencial

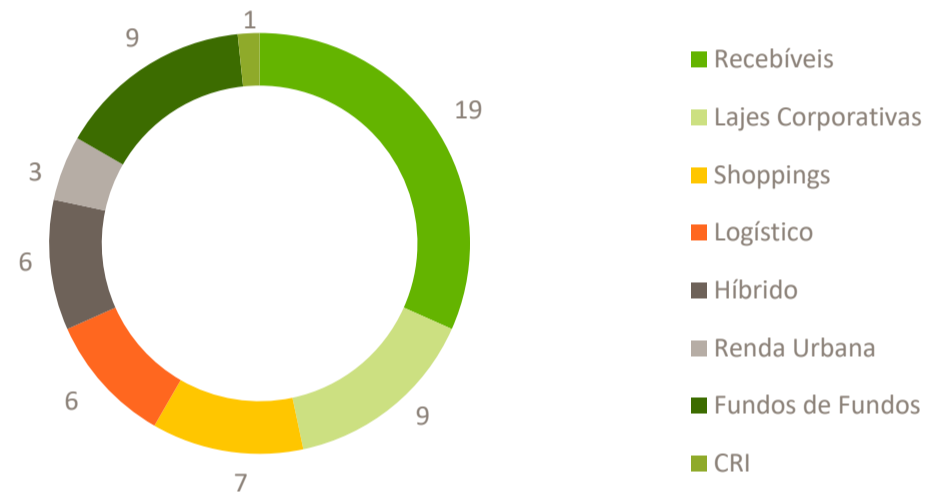
Em relação à composição da carteira do RFOF11, o fundo finalizou o mês de julho/2025 com 91,9% dos seu ativos alocados em cotas de fundos de investimento imobiliários (FII)

| Carteira Gerencial - Patrimônio Por Tipo de Estratégia | 31/07/2025 |
|--|-----------------------|
| Recebíveis | R\$ 22.844.831 |
| Lajes Corporativas | R\$ 14.300.667 |
| Híbrido | R\$ 9.190.566 |
| Logístico | R\$ 8.281.198 |
| Shoppings | R\$ 6.166.357 |
| Renda Urbana | R\$ 3.512.542 |
| Fundos de Fundos | R\$ 5.498.761 |
| CRI | R\$ 2.001.419 |
| Caixa | R\$ 4.128.662 |
| Total Ativos | R\$ 75.925.004 |



Na abertura por número de fundos investidos, o RFOF11 finalizou o mês de julho com posição em 59 Fundos Imobiliários e 1 CRI.

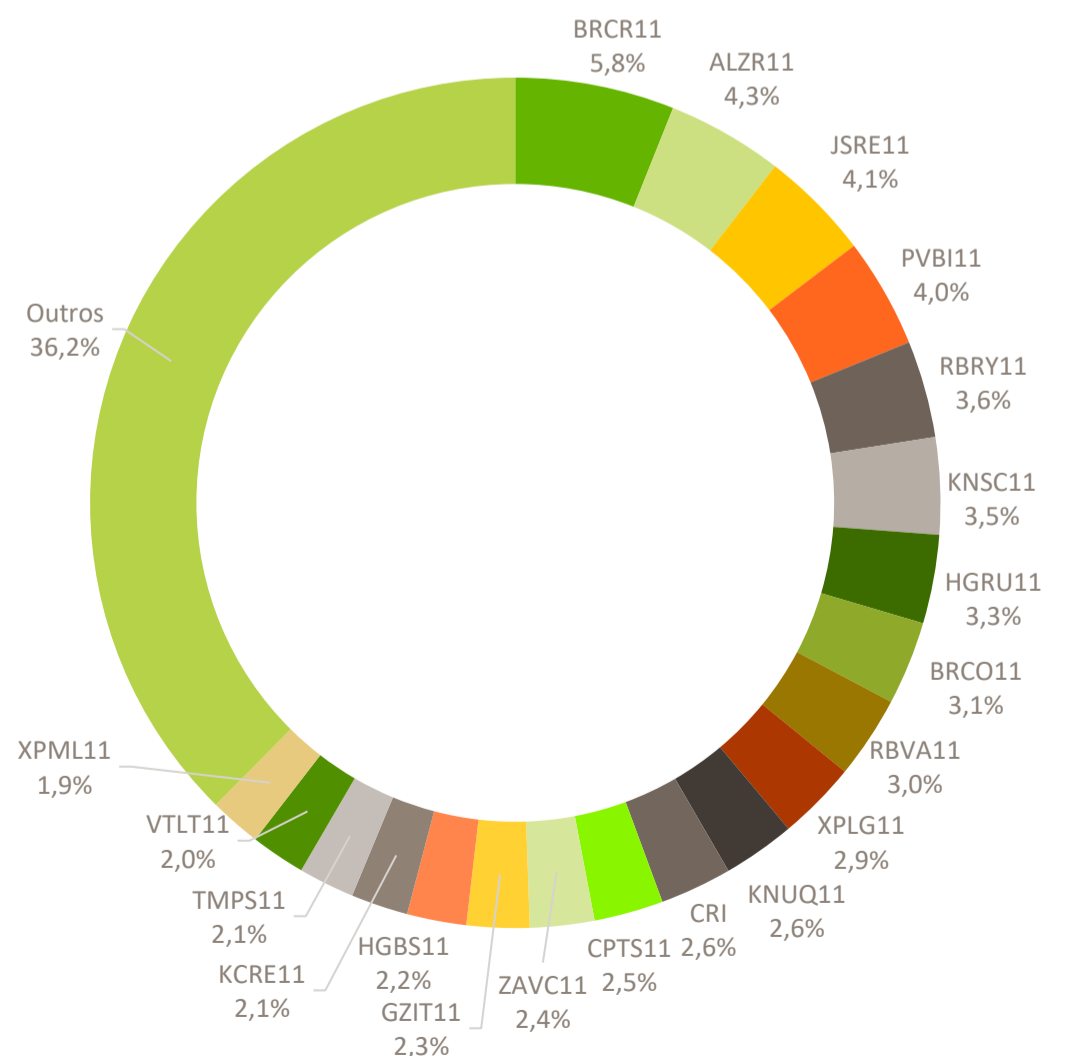
| Carteira Gerencial - Número de Fundos Por Tipo de Estratégia | 31/07/2025 |
|--|------------|
| Recebíveis | 19 |
| Lajes Corporativas | 9 |
| Shoppings | 7 |
| Híbrido | 6 |
| Logístico | 6 |
| Renda Urbana | 3 |
| Fundos de Fundos | 9 |
| CRI | 1 |
| Total de Ativos | 60 |



Fonte: RB ASSET

Em relação à composição da carteira do RFOF11 por Fundo, destacamos que a maior exposição do fundo ao final de julho possuía 5,8% do total de ativos. Seguimos apostando na diversificação como principal ferramenta de diluição de riscos.

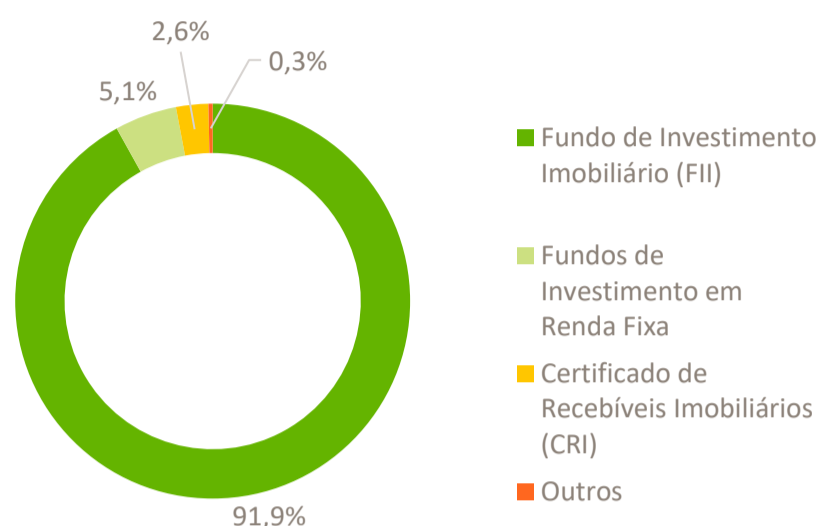
| Exposição por FII - Patrimônio Alocado | Segmento | 31/07/2025 ⁽¹⁾ |
|--|--------------------|---------------------------|
| BRCR11 | Lajes Corporativas | 5,8% |
| ALZR11 | Híbrido | 4,3% |
| JSRE11 | Lajes Corporativas | 4,1% |
| PVBI11 | Lajes Corporativas | 4,0% |
| RBRY11 | Recebíveis | 3,6% |
| KNSC11 | Recebíveis | 3,5% |
| HGRU11 | Renda Urbana | 3,3% |
| BRCO11 | Logístico | 3,1% |
| RBVA11 | Híbrido | 3,0% |
| XPLG11 | Logístico | 2,9% |
| KNUQ11 | Recebíveis | 2,6% |
| CRI | CRI | 2,6% |
| CPTS11 | Recebíveis | 2,5% |
| ZAVC11 | Recebíveis | 2,4% |
| GZIT11 | Shoppings | 2,3% |
| HGBS11 | Shoppings | 2,2% |
| KCRE11 | Recebíveis | 2,1% |
| TMPS11 | Fundos de Fundos | 2,1% |
| VTLT11 | Logístico | 2,0% |
| XPML11 | Shoppings | 1,9% |
| Outros | - | 36,2% |



Portfólio Oficial

Carteira Oficial do RFOF11, com base nas informações divulgadas pelo administrador, BRL Trust DTVM.

| Carteira Oficial | 31/07/2025 | 31/07/2025 ⁽¹⁾ |
|--|-----------------------|---------------------------|
| Ativos do Fundo: | | |
| Fundo de Investimento Imobiliário (FII) | R\$ 69.794.922,66 | 91,9% |
| Fundos de Investimento em Renda Fixa | R\$ 3.866.633,07 | 5,1% |
| Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI) | R\$ 2.001.419,44 | 2,6% |
| Letras de Crédito Imobiliário (LCI) | - | - |
| Letra Imobiliária Garantida (LIG) | - | - |
| Outros | R\$ 262.029,23 | 0,3% |
| Ativo Total | R\$ 75.925.004 | 100,0% |
| Passivos do Fundo: | | |
| Despesas Administrativas | R\$ 806.117,51 | |
| Rendimentos a Distribuir | R\$ 700.806,60 | |
| Aquisição de Ativos | R\$ 0,00 | |
| Taxas e Impostos | R\$ 7.392,00 | |
| Passivo Total | R\$ 1.514.316 | |
| Patrimônio Líquido | R\$ 74.410.688 | |

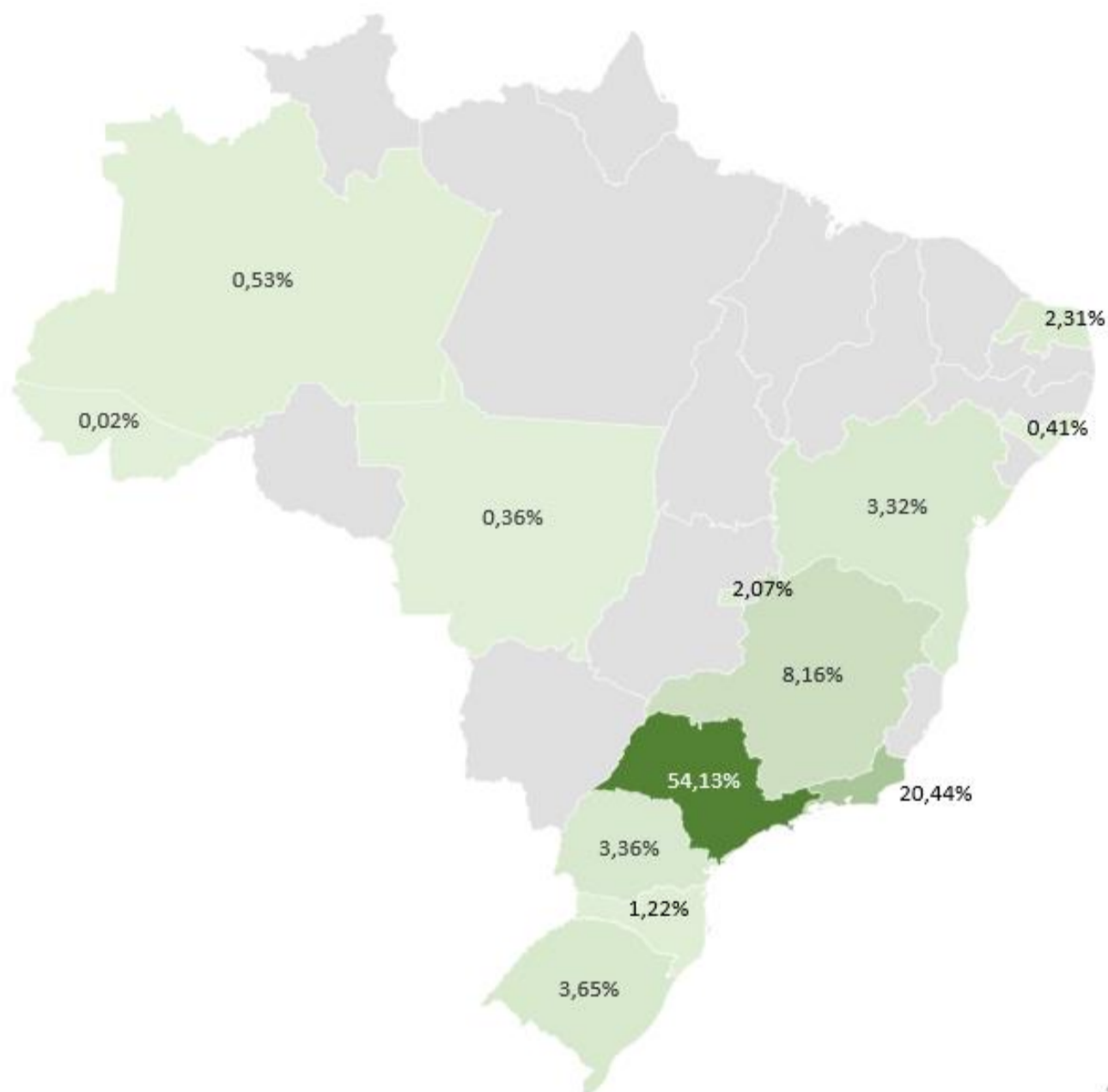


Fonte: BRL TRUST

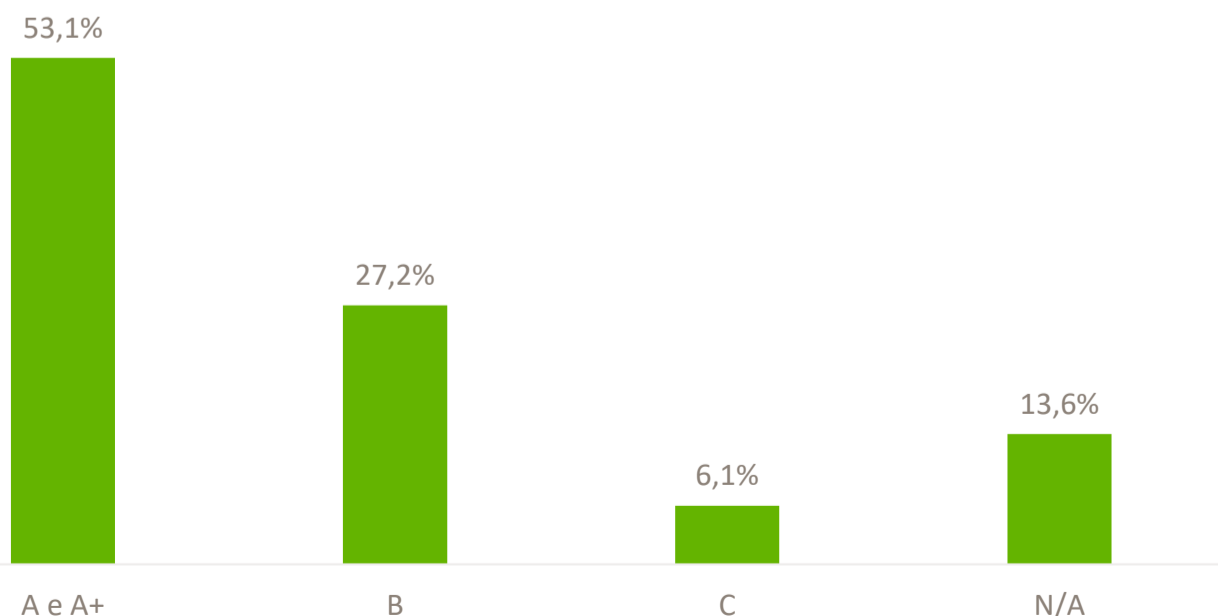
(1) Os valores apresentados em FII e Fundos de Investimento em Renda Fixa estão sendo aqui divididos pelo Total de Ativos do Fundo, e não pelo Patrimônio Líquido, como nos gráficos anteriores. Ou seja, não são líquidos dos passivos e provisões que o Fundo possui. Esta é a forma puramente contábil de visualização.

Estratégia RFOF11

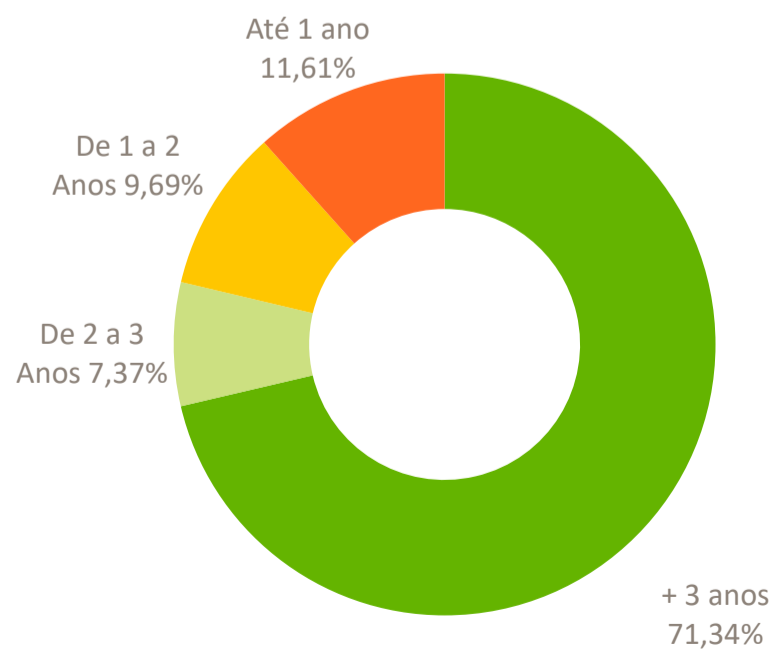
O portfólio do RFOF11 segue diversificado setorialmente, pulverizado em 59 fundos, com maior exposição no estado de São Paulo e com foco em ativos de alta qualidade. Em relação ao total investido, 54,6% dos FIIs do RFOF11 são considerados “tijolo” (FIIs que possuem e gerem os próprios imóveis). Deste percentual, 53,1% dos imóveis são edifícios de alta qualidade técnica, classificados entre A e A+ pela consultoria imobiliária SiiLA Brasil. Por região, 53,96% do total dos imóveis está localizado no estado de São Paulo. Os contratos são bastante pulverizados, reduzindo o risco de concentração e 71,3% deles possuem mais de três anos de prazo até o vencimento, trazendo maior previsibilidade dos rendimentos futuros.



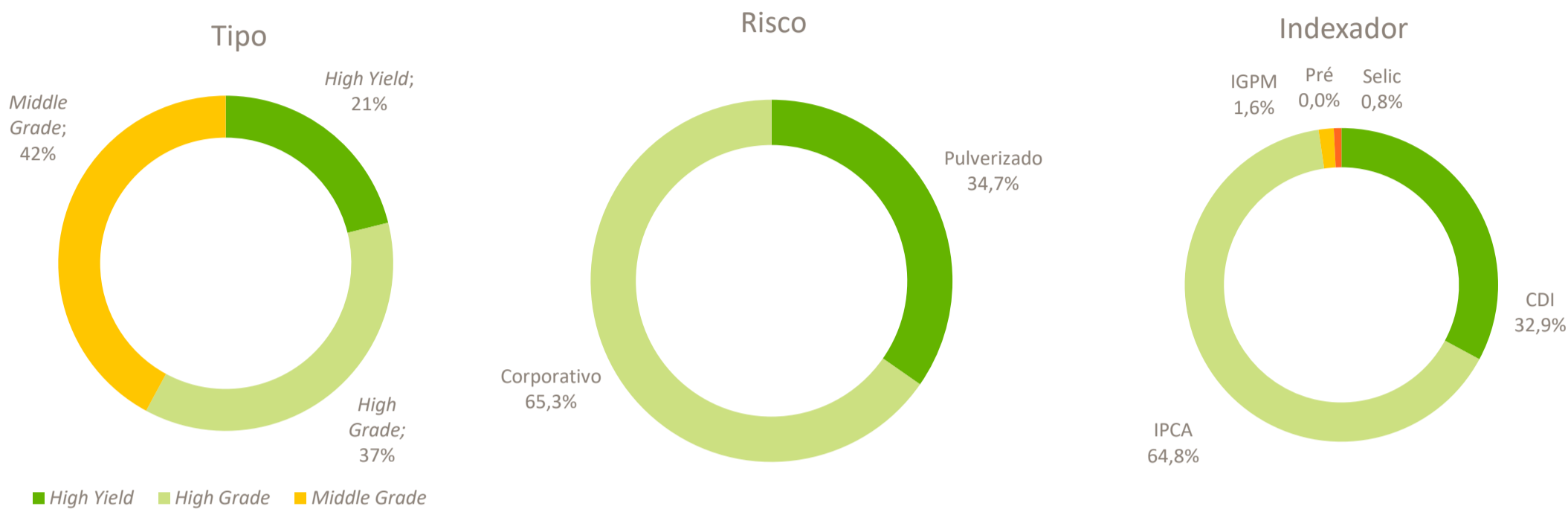
Classificação dos ativos imobiliários



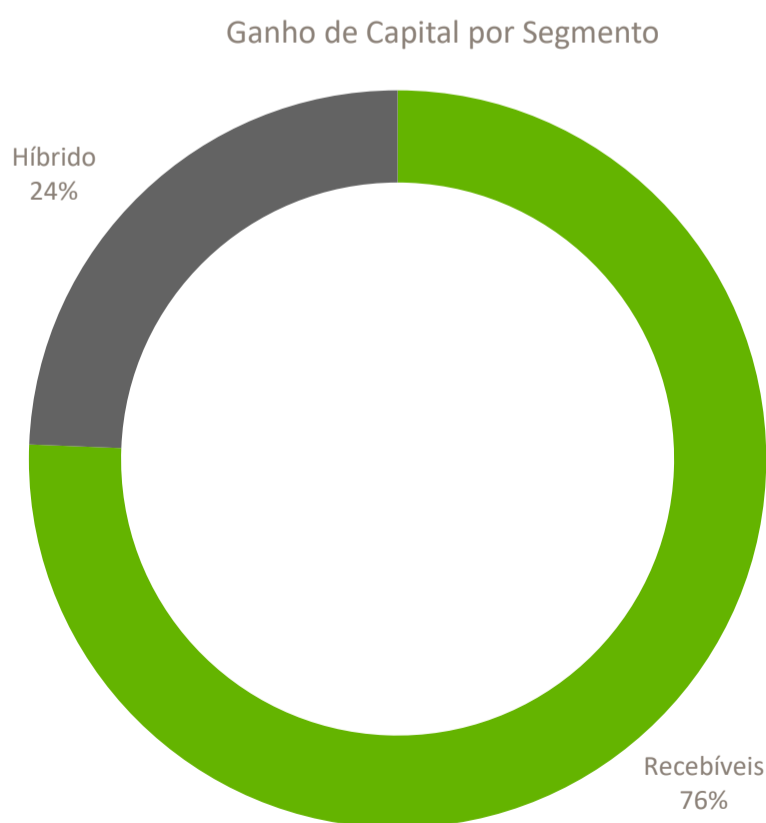
Prazo de contratos



Os FIIs de Recebíveis imobiliários compõem 30,1% do total investido, sendo que 36,8% dessa exposição está alocado em fundos de CRI high grade e 65,3% com exposição ao risco corporativo, considerados os mais resilientes do setor. Em relação aos indexadores dos FIIs de CRI, a estratégia do fundo é manter uma alocação equilibrada entre CDI e IPCA, no intuito de proteger o portfólio tendo em vista a manutenção da taxa Selic em patamares elevados no curto prazo e a inflação nos próximos meses.



Em julho, realizamos vendas com ganho de capital, principalmente em fundos de papel, além de um ganho no segmento de FIIs Híbridos. Diante do cenário de recuperação do índice nos próximos meses, acreditamos que há oportunidades para aumentar o volume de negociações no mercado secundário, buscando gerar ganhos de capital e receita para o fundo. Nossa equipe de gestão continua monitorando atentamente o mercado, avaliando alternativas que possam agregar valor, mesmo diante do cenário de aumento das taxas de juros e do significativo desconto em relação ao valor patrimonial.

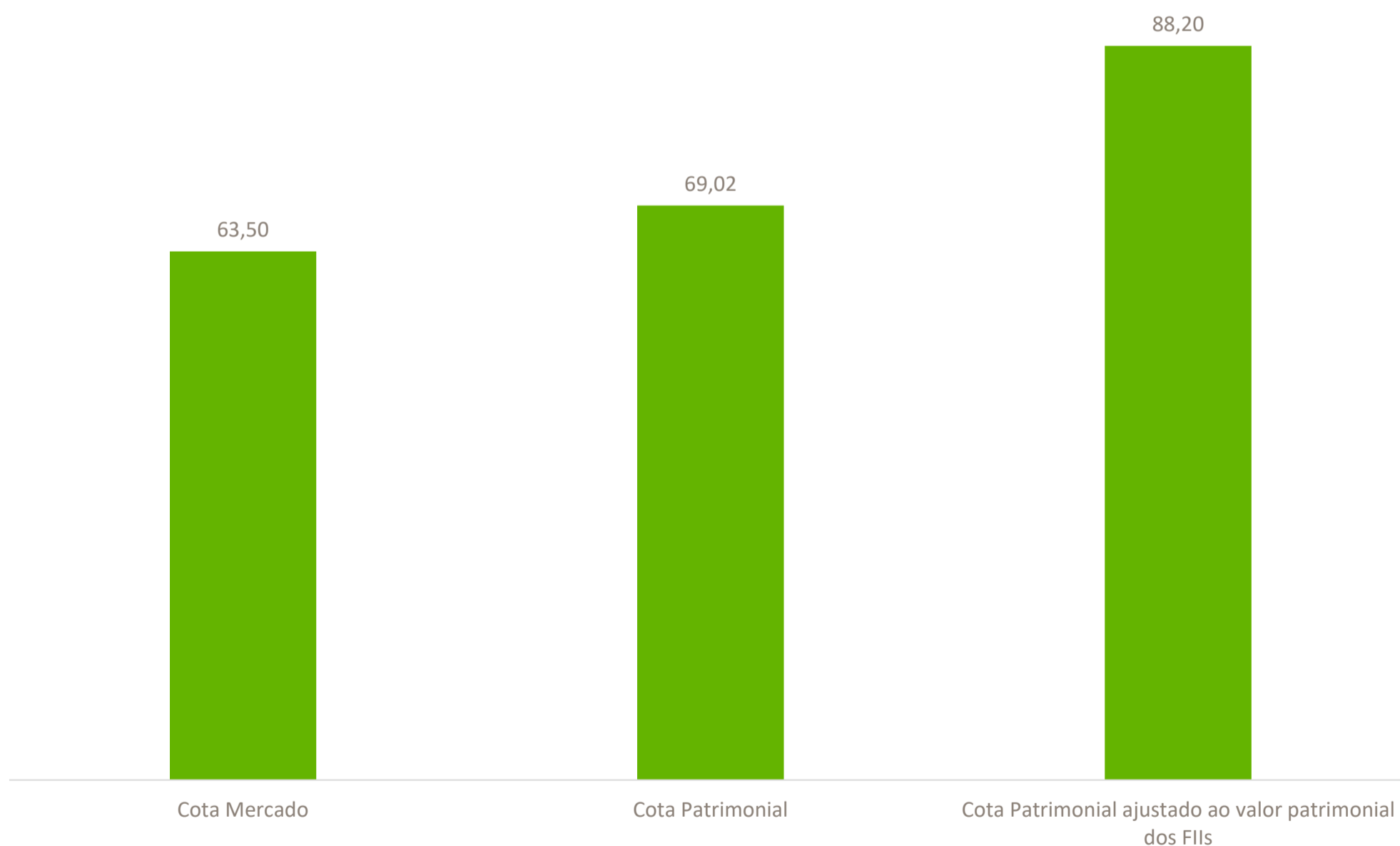


Duplo desconto:

Investir em Fundos de Fundos (FoFs) oferece vários benefícios. Primeiro, esses fundos são geridos por especialistas que realizam análises detalhadas e negociações estratégicas, garantindo uma gestão eficiente. A diversificação é outro ponto forte, pois ao investir em um FoF, o investidor tem acesso a uma ampla gama de ativos, reduzindo o risco associado a um único ativo ou setor. Além disso, os FoFs proporcionam acesso a investimentos exclusivos que não estão disponíveis para o mercado geral. A gestão ativa permite a implementação de estratégias que otimizam o desempenho do fundo. Um diferencial importante dos FoFs é o "duplo desconto": além de obter um desconto sobre o valor de mercado do FoF, o investidor também se beneficia dos descontos dos fundos subjacentes na carteira.

Muitos FoFs estão investindo em FIIs de tijolo, que estão negociando a preços descontados. Adquirir FIIs de tijolo com imóveis de qualidade em regiões centrais a desconto já representa uma boa oportunidade, e fazer isso através de um FoF com desconto oferece um "duplo desconto". No entanto, é importante notar que os FoFs têm custos mais elevados, pois cobram taxas de administração tanto para o FoF quanto para os FIIs subjacentes. Além disso, como o FoF de FII é um investidor indireto, está mais exposto a variações diárias. Ainda assim, todos os FIIs possuem um lastro imobiliário real, seja de tijolo ou de papel.

Análise do Duplo Desconto



FONTE: RB ASSET

Demonstrativo de Resultados

| | julho/2025 |
|---|----------------|
| VALOR DA COTA PATRIMONIAL DE FECHAMENTO | 69,01611284 |
| QUANTIDADE DE COTAS DO FUNDO | 1.078.164 |
| VALOR PATRIMONIAL DO FUNDO | R\$ 74.410.688 |

| Mês/Ano | julho/2025 | junho/2025 | maio/2025 | Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾ |
|--|--------------------|--------------------|--------------------|---------------------------------|
| (A) RECEITA ADVINDA DA ALOCAÇÃO EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS | R\$ 763.186 | R\$ 797.165 | R\$ 770.045 | R\$ 50.187.467 |
| RENDIMENTO | R\$ 737.259 | R\$ 752.667 | R\$ 751.737 | R\$ 43.726.732 |
| GANHO DE CAPITAL | R\$ 25.927 | R\$ 44.498 | R\$ 18.308 | R\$ 6.460.735 |
| (B) RECEITA DE CRI | R\$ 28.420 | R\$ 24.541 | R\$ 25.490 | R\$ 475.028 |
| (C) RESULTADO IMOBILIÁRIO | R\$ 791.606 | R\$ 821.705 | R\$ 795.536 | R\$ 50.662.495 |
| (D) RECEITA DAS APLICAÇÕES FINANCEIRAS | R\$ 37.823 | R\$ 18.712 | R\$ 16.871 | R\$ 1.310.978 |
| (E) DESPESA OPERACIONAL | -R\$ 115.305 | -R\$ 128.700 | -R\$ 131.180 | -R\$ 5.929.686 |
| (F) OUTRAS RECEITAS / DESPESAS | R\$ 0 | R\$ 0 | R\$ 0 | R\$ 38.653 |
| RESULTADO CAIXA TOTAL | R\$ 714.124 | R\$ 711.717 | R\$ 681.227 | R\$ 46.082.440 |
| (G) AJUSTE NA DISTRIBUIÇÃO | R\$ 13.318 | R\$ 10.911 | -R\$ 19.580 | R\$ 1.158.383 |
| RESULTADO A SER DISTRIBUÍDO TOTAL | R\$ 700.807 | R\$ 700.807 | R\$ 700.807 | R\$ 44.924.057 |
| (H) RENDIMENTOS ANUNCIADOS POR COTA | R\$ 0,6500 | R\$ 0,6500 | R\$ 0,6500 | R\$ 41,6672 |

Fonte: BRL Trust

(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

Liquidez

Histórico de negociações das cotas do FII RFOF11 juntamente com o volume negociado.

| NEGOCIAÇÕES | jul/25 | jun/25 | Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾ |
|---------------------------------------|----------------|---------------|---------------------------------|
| Presença em pregões | 23 | 20 | 1.352 |
| Volume negociado | R\$ 12.432.313 | R\$ 1.539.851 | R\$ 256.509.525 |
| Média de volume negociado diariamente | R\$ 540.535 | R\$ 76.993 | R\$ 189.726 |
| Número de cotas negociadas | 197.744 | 25.281 | 3.610.846 |
| Giro (% do total de cotas) | 18,34% | 2,34% | 332,54% |

Fonte: B3

(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

INFORMAÇÕES GERAIS DO FUNDO

| | |
|--|---|
| Razão Social | RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII |
| CNPJ | 34.027.774/0001-28 |
| Código de Negociação (Ticker) | RFOF11 |
| Código ISIN | BRRFOFCTF001 |
| Início do Fundo | 20/02/2020 |
| Gestor | RB ASSET MANAGEMENT LTDA |
| Administrador | BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A. |
| Escriturador | BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A. |
| Custodiante | BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A. |
| Auditor | PRICEWATERHOUSECOOPERS Auditores Independentes |
| Taxa de Administração | 0,8% ao ano sobre o Patrimônio Líquido do Fundo. |
| Taxa de Performance | 20% (vinte por cento) sobre o que exceder a variação do IFIX |
| Prazo do Fundo | Indeterminado |
| Liquidez do Fundo | Fundo Fechado |
| Público Alvo | Investidores em Geral |
| Negociação das Cotas | B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão |
| Encerramento do Exercício Social | 31-dez |
| Mercado de Negociação de Cotas | B3 |
| Entidade administradora de Mercado Organizado | BM&FBOVESPA |
| Objetivo do Fundo | Investimento em Ativos Imobiliários para geração de renda |
| Classificação Autorregulação | Mandato: Títulos de Valores Imobiliários Segmento de Atuação: Fundo de Fundos Tipo de Atuação: Ativa |

Características Gerais e Políticas de Investimentos

RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII (RFOF11), constituído sob a forma de condomínio fechado em fevereiro de 2020, tem por objetivo a obtenção de renda e ganho de capital mediante investimentos em Ativos Imobiliários. Dentre os Ativos Imobiliários, o Fundo deverá buscar investir parcela preponderante de seus recursos em cotas de outros fundos de investimento imobiliário. Em sua primeira emissão de cotas, encerrada em 21 de fevereiro de 2020, o fundo captou o montante de R\$ 107.816.400,00. O preço de emissão das Cotas no âmbito da Oferta, na data de emissão das Cotas, foi de R\$ 100,00 (cem reais) por Cota. O objetivo principal da gestão, no RFOF11, está na construção de um portfólio de Fundos Imobiliários diversificado, com exposição à diversos segmentos e gestores, de forma a mitigar riscos decorrentes da concentração em um único fundo ou setor imobiliário. Para realizar estes investimentos no fundo, a equipe de gestão da RB ASSET conta com detalhado processo de investimento e governança, baseado em comitês formais de aprovações construídos ao longo de seus 20 anos de experiência.